Fundamentos para o Ensino da Alfabetização

Maria Emília de R. A. B. Barros

São Cristóvão/SE
2010

Fundamentos para o Ensino da Alfabetização

Elaboração de Conteúdo
Maria Emília de R. A. B. Barros

Projeto Gráfico e Capa
Hermeson Alves de Menezes

Diagramação
Neverton Correia da Silva

Ilustração
Lucas Barros Oliveira

Revisão
Edvar Freire Caetano

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Barros, Maria Emília de R. A. B.
B277f Fundamentos para o Ensino da Alfabetização/ Maria Emília de R. A. B. Barros -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

1. Educação. 2. Ensino - Alfabetização. 3. Letramento
I. Título.

CDU 37.026:373.29

Sumário

Aula 1

AS CONCEPÇÕES DA LINGUAGEM

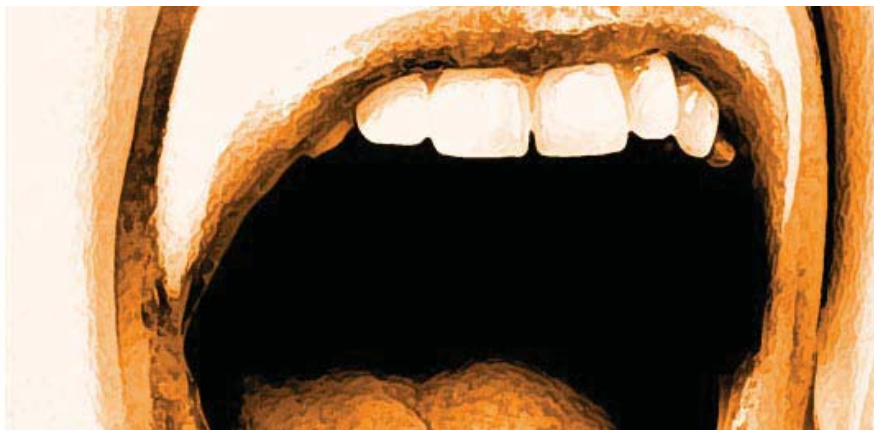
META

Apresentar as concepções de linguagem investigadas durante o percurso histórico dos estudos sobre a linguagem.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
saber discutir acerca das concepções da linguagem e ter condições de estabelecer a relação entre tais concepções e o ensino de língua.

PRERREQUISITOS

Para entender esta aula, o(a) estudante precisa ter conhecimentos básicos de linguística, tais como as definições de língua e de linguagem. Além disso, deve conhecer alguns pressupostos teóricos acerca das teorias estruturalista, funcionalista e interacionista.

Dentro da mente humana se constrói a expressão, e a partir da linguagem ocorre essa exteriorização, representando o mundo para si através dela.
(Fonte: http://www.ucm.es).

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos o nosso curso sobre Fundamentos para o Ensino da Alfabetização, é importante refletirmos sobre alguns conceitos acerca da linguagem; como ela tem sido estudada no mundo, desde que o ser humano se conscientizou de seu uso e desde que ele começou a refletir acerca da relação existente entre ele, a linguagem e o mundo. Nesse sentido, entraremos em contato com alguns postulados teóricos de alguns autores importantes para o nosso estudo. Faremos tal abordagem por considerarmos o conhecimento sobre tais concepções um prerrequisito (cf. Houaiss, 2009) para o ensino da escrita. Você já estudou as concepções de linguagem anteriormente? Vamos verificar essas concepções?

Uma das concepções da linguagem humana consiste em tratar a língua como um mero instrumento de comunicação, em que o emissor transmite uma mensagem para um receptor.
(Fonte: http://textosdaoficina.files.wordpress.com).

O MUNDO PARA SI ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Como mencionado anteriormente, a nossa meta é apresentar as três concepções de linguagem numa perspectiva histórica. Com isso, você, estudante, poderá estabelecer a relação entre tais concepções e o ensino de língua.

Segundo Koch (1995, p. 9–11), a linguagem humana tem sido apresentada a partir de três concepções, quais sejam:

1. representação do mundo e do pensamento,
2. instrumento de comunicação,
3. forma de interação entre os sujeitos.

De acordo com a primeira concepção, entende-se que o ser humano representa o mundo para si através da linguagem. Você entendeu o que vem a ser isso? Explicando melhor, segundo essa concepção, a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A língua, nesse sentido, é apenas o reflexo do mundo e do pensamento humano (a língua é o espelho do mundo, tal como postulavam os gregos – specullum). Há regras a serem seguidas e a exteriorização do pensamento depende muito mais de uma psicologia individual. Essa concepção advém do pensamento platônico, cerca do século IV a. C.

Nesse sentido, acredita-se que o texto organizado não depende da imagem do leitor, da situação em que se fala/se produz, mas de uma organização lógica individualmente articulada. Isso significa que, a partir dessa concepção, se estabelece uma relação direta entre pensamento, linguagem e mundo. Essa é, contudo, uma ilusão da ordem da enunciação, pois essa relação não se dá linearmente. Há vários fatores que interferem nessa relação. A essa concepção de linguagem está ligada a gramática normativo-prescritiva.

São muitas as consequências dessa concepção de linguagem. Uma delas é dizer-se que um(a) estudante não "se expressa (fala / escreve) bem" porque não pensa. Você já ouviu alguém fazer esse tipo de diagnóstico em relação a algum(a) estudante? Na verdade, há muitos fatores envolvidos nessa relação, e nós não podemos afirmar isso sobre ele(a) porque ele(a) não soube "se expressar bem" naquele exato momento.

Eis uma ilustração representativa dessa concepção:

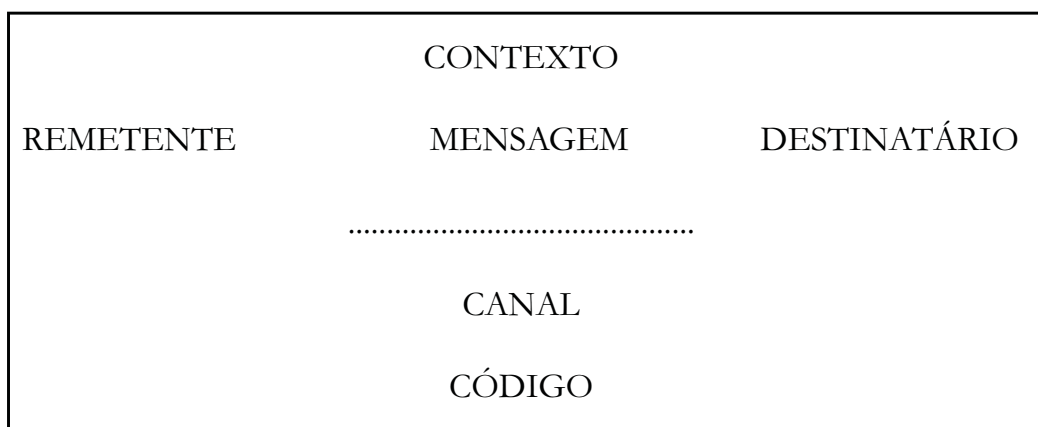
Mundo pensamento e linguagem.

A segunda concepção trata a língua como mero instrumento de comunicação, em que o emissor transmite uma mensagem para o receptor. Este tem a função de receber a mensagem. Segundo essa concepção, a língua é vista como um código, um conjunto de signos organizados de acordo com regras, capaz de transmitir uma mensagem de um emissor a um receptor, veiculada por um canal. Como há uma utilização social do código (emissor – receptor), este deve ser compartilhado por ambos os componentes no processo de comunicação. Essa concepção advém dos postulados teóricos relacionados à Teoria da Comunicação (século XX) e é assim representada:

CONTEXTO

REMETENTE MENSAGEM DESTINATÁRIO

....

CANAL

CÓDIGO

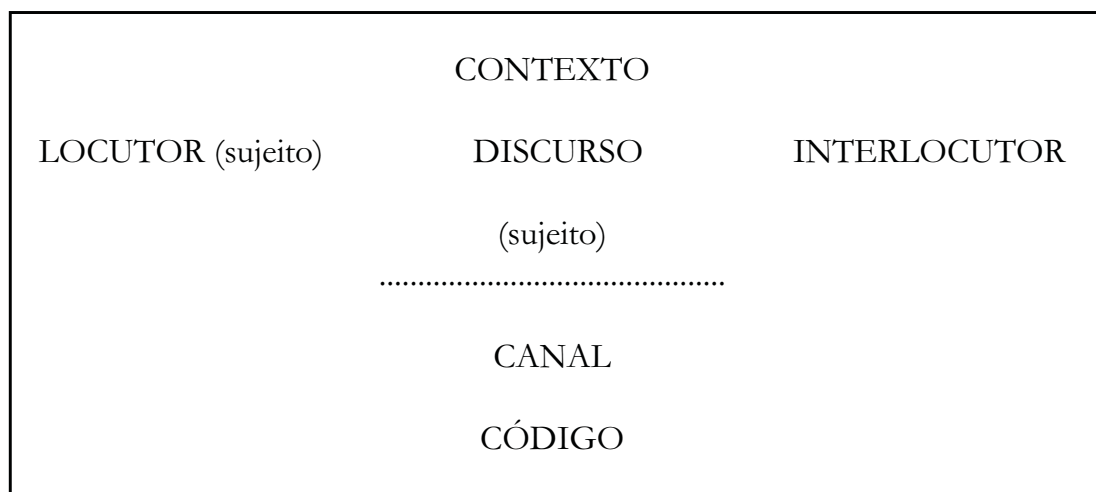
Observemos o que Travaglia (1997, p. 22) nos diz a esse respeito:

> Essa concepção levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização – na fala [cf. Saussure] ou no desempenho [cf. Chomsky]. Isso fez com que a linguística não considerasse os

> interlocutores e a situação de uso como determinantes das unidades e regras que constituem a língua, isto é, afastou o indivíduo falante do processo de produção, do que é social e histórico da língua.

Nessa perspectiva, aprender a língua é decodificar um código. Tal concepção nega as características essenciais da linguagem: social, histórica e dialógica. Critica-se tal concepção por conta de seu caráter estático e mecanicista, como se cada participante do processo interativo só agisse em um momento específico, desconectado um do outro.

Finalmente, segundo a terceira concepção, a linguagem é entendida como uma forma de ação, de interrelação entre os falantes. É a partir dessa visão que a linguagem começa a ser percebida como atividade; os linguistas passam a atentar para as relações entre a língua e seus usuários e, portanto, para a ação que se realiza na e pela linguagem. Esta é concebida como um lugar de interação humana, de interação comunicativa. Tal concepção advém, principalmente, dos postulados teóricos de Bakhtin (década de 1920). Esses postulados, entretanto, só foram divulgados no Ocidente, principalmente, após a queda do Muro de Berlim (1989). Por conta dessa divulgação, propôs-se uma revisão para o quadro da Teoria da Comunicação. Vejamo-la:

	CONTEXTO	
LOCUTOR (sujeito)	DISCURSO	INTERLOCUTOR
	(sujeito)	
	....	
	CANAL	
	CÓDIGO	

A linguagem concebida como uma forma de ação, de interrelação entre os falantes implica o estudo das manifestações linguísticas produzidas por indivíduos concretos em condições concretas de produção. Como bem define Bakhtin (1999, p. 112), "qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata". Tal concepção de língua vai de encontro ao estruturalismo e ao gerativismo chomskyano, uma vez que essas teorias analisam a língua quanto a seus componentes abstratos, fora de qualquer contexto de uso.

Na perspectiva interacionista da linguagem, percebe-se a língua como um jogo entre sujeitos, como um lugar de interlocução. Tanto o locutor

quanto o interlocutor participam efetivamente desse jogo, pois ambos são considerados sujeitos da ação. Tal consideração é válida nas duas modalidades da linguagem verbal: a fala e a escrita.

Segundo Vygotsky (2000), a interação desempenha papel fundamental, pois a construção do conhecimento se dá por meio da interação da criança com o adulto ou com seus pares proficientes. Ele postula que

> [...] o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades [...]. (VIGOTSKY, 2000, p.110)

A partir de tal afirmação, Vygotsky postula que há um nível de desenvolvimento real, que corresponde ao desenvolvimento das funções mentais da criança e a zona de desenvolvimento proximal (2000, p. 112), que

> é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Assim confirmam-se as teorias linguísticas associadas à terceira concepção de língua, mencionada anteriormente. Essas teorias sustentam que a construção do conhecimento se dá num jogo entre sujeitos, na construção do sujeito. Isso porque tanto a criança quanto o adulto devem participar desse processo numa perspectiva de mútua aprendizagem. Convém aqui destacar que, embora os estudos de Vygotsky tenham como alvo a aprendizagem infantil, os princípios em que eles se pautam não perdem seu valor quando se trabalha com sujeitos de outras faixas etárias, pois a interação verbal afigura-se como elemento definitivo no desenvolvimento da linguagem e, consequentemente, na produção textual.

CONCLUSÃO

De acordo com as concepções aqui apresentadas, podemos perceber que o ensino, na maioria das escolas, ainda está pautado nas duas primeiras concepções: a linguagem tida como expressão do pensamento e a linguagem vista como código/decodificação. Baseadas nessas duas perspectivas, proliferam-se as ideias acerca da correção da linguagem, as concepções estruturalistas de texto, corroborando as teorias da **Linguística Imanente ou do Significante.**

Linguística Imanente ou do Significante.

O adjetivo Imanente está assim definido no Dicionário Eletrônico de Houaiss (2009): adjetivo de dois gêneros.
1. que está inseparavelmente contido na natureza de um ser ou de um objeto; inerente
Ex.: o sentimento religioso é i. à consciência individual.
2. Rubrica: filosofia. que permanece no âmbito da experiência possível, agindo na captação da realidade através dos sentidos (no kantismo, diz-se de conceitos ou princípios cognitivos).
3. Rubrica: filosofia. referente à dimensão concreta, material, empírica da realidade.

Denomina-se, então, Linguística Imanente ou do Significante as correntes que trabalham somente com a estrutura da língua, a qual é considerada como inerente ao objeto. Tais perspectivas de estudo, portanto, negam todos os aspectos extralinguísticos que envolvem os processos de interação entre os sujeitos.

E, na medida em que o ensino de língua está pautado nas duas primeiras concepções da linguagem, o(a) professor(a) silencia os(as) estudantes, uma vez que exige deles(as) uma correção de linguagem. Com efeito, nega o caráter dialógico da linguagem, comprometendo a interlocução entre os sujeitos do processo de educação (estudante e professor).

RESUMO

Nesta aula, nós estudamos as concepções de linguagem, a fim de nos situarmos em relação ao ensino de língua. Vimos que são três as concepções da linguagem: 1) a linguagem tida como expressão do pensamento. Nesse sentido, a língua é o espelho do mundo (specullum); 2) a linguagem entendida como um código, e o receptor, para se comunicar com o emissor, tem que decodificar uma mensagem; 3) a linguagem vista como uma forma de ação, de interrelação entre os falantes. Na perspectiva interacionista da linguagem, percebe-se a língua como um jogo entre sujeitos, como um lugar de interlocução.

ATIVIDADES

1. Cite as três concepções da linguagem.
2. Situe tais concepções no tempo, observando a perspectiva linguística a que cada uma se filia.
3. A partir da relação acima estabelecida, discuta sobre quais consequências cada uma das concepções traz para o ensino de língua.
4. Observe a importância do processo de interação para a construção do conhecimento. Discuta sobre isso, procurando outras fontes.
5. Em relação à concepção interacionista de língua, quais as vantagens em adotá-las como eixo e norte no ensino de língua?

AUTOAVALIAÇÃO

1. Reflita: a qual perspectiva da linguagem você foi submetido(a) enquanto estudante dos Ensinos Fundamental e Médio?
2. A partir da exposição do assunto, você, como futuro(a) professor(a) de Língua Portuguesa, se sente capaz de ajustar uma metodologia de ensino de LP na 3ª concepção da linguagem? O que seria, então, ser um(a) profissional respeitando o caráter primordial da língua: a sua historicidade, o dialogismo?

PRÓXIMA AULA

Daremos continuidade aos nossos estudos introdutórios, observando como o ser humano adentra o mundo a partir da linguagem. Nesse sentido, traremos algumas discussões sobre a linguagem falada. A partir de então, começamos a trilhar os caminhos da escrita, estudando o seu surgimento no mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Latiud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARROS, D. P. de. A comunicação humana. in: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à lingüística**: objetos teóricos. Vol. I. São Paulo: Contexto, 2002. p.25 -53.

CÂMARA JR., J. M. **História da lingüística**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

GERALDI, J. W. **Concepções de linguagem e ensino de português**. in: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: ASSOESTE, 1984

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2009.

JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Ática, 1995

KRISTEVA, J. **História da linguagem**. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1969

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso princípios e procedimentos. Campinas**. São Paulo: Pontes, 2002.

ROBINS, R. H. **Pequena história da lingüística**. Trad. Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

http://www.google.com.br/search?sourceid=navclient&hl=pt-BR&ie=UTF-8&rlz=1T4SUNC_pt-BRBR356BR356&q=jackobson